

ENTREVISTA/José Sarney

Candidato ao Senado, exalta o senso do equilíbrio na política

JORGE MORENO

MACAPÁ — Candidato ao Senado pelo PMDB do Amapá, o ex-Presidente José Sarney disse em entrevista que pretende colocar a serviço daquele Estado sua experiência de participação na vida nacional.

— Sou um homem simples que marcou toda a sua

vida pública por um sentimento de equilíbrio — disse o ex-Presidente.

Sarney revelou que em seu Governo a estabilidade democrática esteve várias vezes ameaçada e, se não fosse a colaboração das Forças Armadas, o País poderia ter vivido um retrocesso político.

Ele diz ter herdado de

Tancredo Neves “um esquema político que ia da extrema direita à extrema esquerda mais radical”, o que dificultou seu relacionamento com o Congresso.

O famoso bordão “Brasileiras e brasileiros”, com o qual abria seus pronunciamentos presidenciais, será utilizado pelo candidato na campanha eleitoral para o

Senado. Ele explicou a origem da expressão: o Estado do Maranhão, onde nasceu e fez carreira política, sempre abrigou brasileiros de várias procedências e, para não discriminá-los, nos discursos de campanha e de Governo optou por uma referência globalizada. E se viciou com a conclamação que será a marca registrada da sua campanha.

O GLOBO — O senhor deixou a Presidência prometendo se recolher às atividades literárias e agora surge como candidato ao Senado. Por que essa mudança de idéia?

SARNEY — Realmente, eu não desejava ser senador. Todo o Brasil sabia disso. Eu esperava dedicar os últimos anos de minha vida aos meus livros, a escrever. Mas eu senti, como político, que não podia desertar da vida pública. Eu não tinha o direito de buscar o repouso e ser um egoísta, quando o País podia ainda necessitar da experiência que eu acumulei ao longo de minha vida pública.

O GLOBO — Mas por que o Amapá?

SARNEY — Pelo menos nesse ponto já estou ajudando a divulgar esse Estado criado ainda no meu Governo, porque as pessoas todas comentam o fato de eu optar pelo Amapá. Não pude ser candidato pelo meu Estado, o Maranhão, porque a lei impediu e o PMDB do Estado não me deu legenda. Fui convidado a concorrer por Goiás, pelo Distrito Federal, Roraima, Tocantins e Amazonas. Aceitei o convite do PMDB do Amapá porque este Estado pertence à nossa região, que é a Amazônia. Houve um tempo em que o Pará, Maranhão, Amazonas e Amapá eram um só Estado e, com o decorrer do tempo, cada um foi se tornando uma unidade da Federação. Eu sou um homem simples que marcou toda a sua vida pública por esse sentimento de equilíbrio, que é um sentimento presente em cada um de nós que habitamos esta região. E é esse equilíbrio, essa experiência na participação da vida nacional que eu pretendo colocar a serviço do Amapá.

O GLOBO — Qual a avaliação que o senhor faz dos cinco meses e meio do Governo Collor?

SARNEY — Nenhum dos meus antecessores se manifestou sobre o meu Governo e não seria ético também que eu fizesse uma avaliação do Governo que o meu sucessor está fazendo. Eu prefiro não me manifestar sobre esse assunto.

O GLOBO — Mas, se eleito, o senhor fará oposição ao Presidente Collor no Congresso?

SARNEY — As coisas não podem ser colocadas nesse maniqueísmo entre Governo e oposição. Existe na atividade política um terreno comum, que é o do interesse público. E esse interesse público que nós sempre teremos a considerar no exercício do mandato que exercerei.

O GLOBO — Como Presidente da República, o que o senhor teve vontade de fazer e não conseguiu? Qual a sua maior frustração no exercício desse cargo?

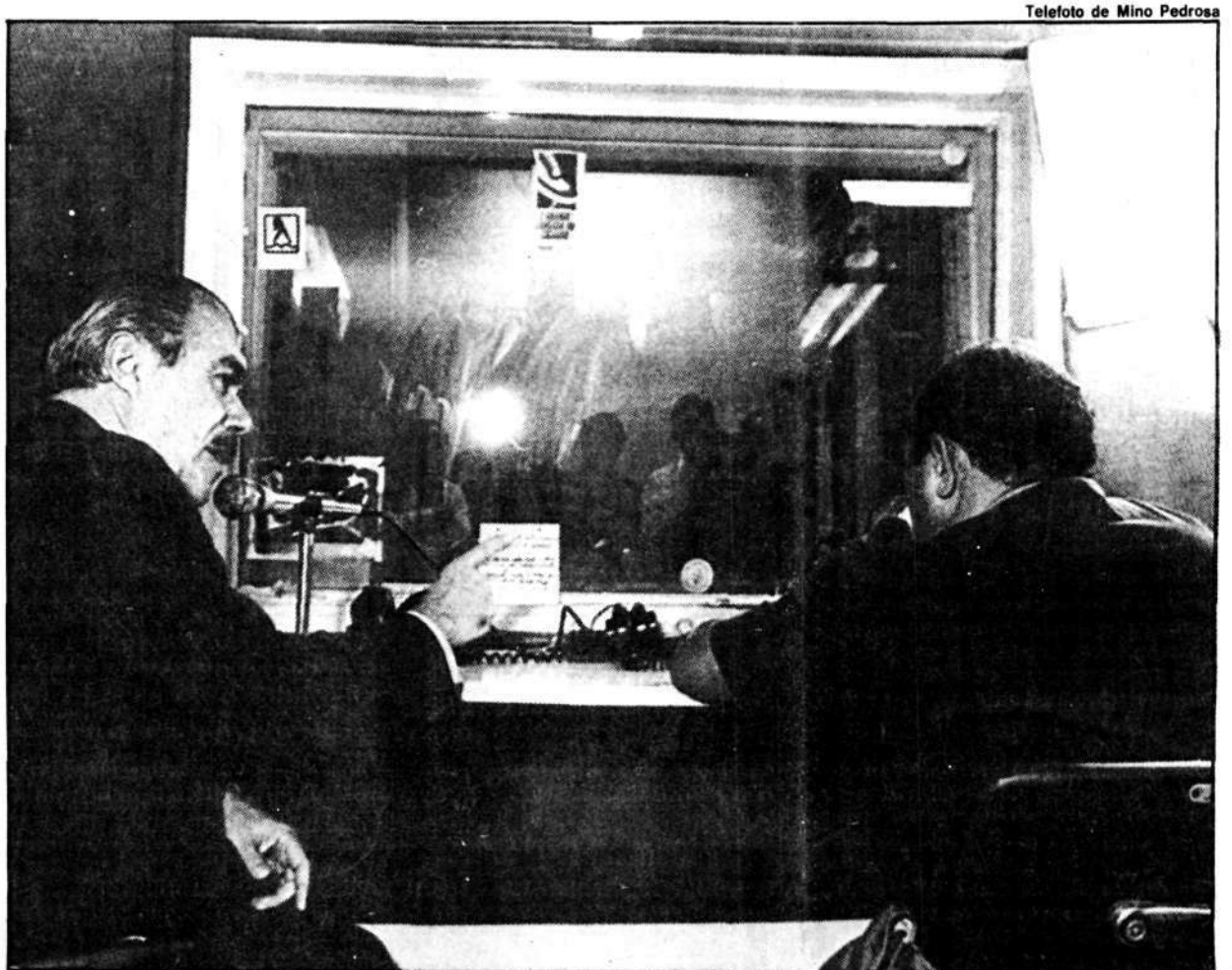
SARNEY — Eu acho que a gente, à distância, começa a ver mais nitidamente talvez algumas coisas que a gente pudesse ter feito, outras que não devia ter feito, enfim. Mas há uma coisa de que ninguém pode fugir. É que as decisões políticas são frutos das circunstâncias. Ninguém governa com abstrações. Você governa com a realidade, com os dados daquele momento de decidir. Eu acho que o grande legado que nós deixamos para o País é o legado da paz, da democracia, das instituições. Veja a passagem do poder como foi um acontecimento de um País de instituições fortes e consolidadas. Eu acho que, pelo próprio espírito que eu tenho, eu gosto de ver as boas coisas e não me lembrar das más.

O GLOBO — Em algum momento de seu Governo o senhor sentiu a transição ameaçada?

SARNEY — Acho que nós tivemos muitos instantes dessa transição ameaçada e outros com problemas sérios. Mas nós conseguimos chegar a bom porto.

O GLOBO — O senhor pode citar que momentos foram esses?

SARNEY — Não. Eu acho que está muito cedo para se falar sobre o meu Governo.



Em Macapá, Sarney grava em emissora de rádio programa para o horário de propaganda eleitoral gratuita

“Os grandes legados de meu Governo foram a paz e a democracia. A transmissão de poder foi um acontecimento de País com instituições consolidadas”

O GLOBO — Mas de onde partiam essas ameaças? Dos militares?

SARNEY — Não. As Forças Armadas nos ajudaram a conjurar todas essas dificuldades. As Forças Armadas se engajaram no processo de transição democrática e ajudaram a que esse processo se consolidasse.

O GLOBO — A forma como o senhor chegou à Presidência, dentro de um processo tumultuado, o fez sentir prisioneiro do partido que o elegeu? Teve alguma coisa que o senhor deixou de fazer no Governo por causa do PMDB?

SARNEY — Eu acho que na Presidência eu tive que administrar forças heterogêneas e até mesmo antagônicas, que tinham sido juntadas para possibilitar a eleição de Tancredo. E não é fácil administrar forças políticas no Governo com interesses inteiramente opostos e interesses inteiramente antagônicos, sobre o ponto de vista de programas, sobre o ponto de vista ideológico. O esquema feito por Tancredo ia da extrema direita até à extrema esquerda mais radical.

O GLOBO — O senhor tem 40 anos de atividade política. Mas, sentado na cadeira de Presidente da República, durante cinco anos, essa experiência não lhe deu uma visão mais privilegiada sobre os homens públicos que o senhor pensava conhecer tão bem? Nesse período, algumas dessas pessoas o surpreenderam por virtudes ou defeitos que o senhor desconhecia?

SARNEY — Sim. A humanidade é cheia de altos e baixos. Mas eu não tenho o direito de guardar mágoas, rancores e ódio. Eu tenho absoluta incapacidade de ter ódios.

O GLOBO — O Deputado Ulysses Guimarães se sentia dono de seu mandato e por isso tentou mandar no seu Governo ou isso é mais uma das versões da história de sua passagem pela Presidência da República?

SARNEY — Eu sempre procurei tratar o Deputado Ulysses Guimarães

com aquela visão que eu tinha dos serviços que ele tinha prestado ao País.

O GLOBO — Mas os senhores, dois anos depois da posse, passaram a ter um relacionamento tumultuado, atribuído exatamente ao fato de ele tentar mandar em seu Governo.

SARNEY — Eu acho que sempre tivemos uma relação muito respeitosa.

O GLOBO — Era apenas uma relação formal?

SARNEY — Eu acho que estou dizendo o Doutor Ulysses aquilo que toda a Nação acha que ele representou ao longo do processo da redemocratização do País. Eu acho que só nos diminuiríamos ao falar agora sobre problemas de Governo, sobre problemas de atritos entre partidos e Governo. Eu acho que falar disso agora não ajuda em nada.

O GLOBO — Em seu relacionamento com o Congresso, o momento mais difícil foi da elaboração da Constituição, em que se discutiu a questão do seu mandato e a mudança do sistema de governo?

SARNEY — Eu acho muito cedo falar sobre tudo isso. Eu pretendo escrever um livro sobre meu Governo, mas não é agora.

O GLOBO — Quando o Senhor pretende fazer isso?

SARNEY — Eu nunca deixei de ter cada dia um gesto de apreço pela literatura. Acho que escrever é uma compulsão. De maneira que a atividade política não vai me impedir de continuar escrevendo. Eu estou com o primeiro volume do livro de memórias quase pronto. Estou trabalhando num livro sobre política externa e pretendo começar no próximo ano, talvez, o arcabouço do livro sobre as memórias do meu Governo.

O GLOBO — Por falar em livro sobre política externa, como o se-

nhor está vendo a crise no Golfo Pérsico. Qual a relação que o seu Governo manteve com o Iraque?

SARNEY — Eu quando cheguei ao Governo, nós já tínhamos o Iraque como parceiro forte no fornecimento de petróleo e também um parceiro comercial do nosso País. Eu vejo a crise do Golfo Pérsico como representativa de uma nova etapa que nós vamos ter em matéria de política internacional. Quando acabou a confrontação ideológica entre as grandes potências, que estamos vendo nesse acordo entre a União Soviética e os Estados Unidos, e que ficou afastado o perigo de nós termos uma guerra, assegurando ao Mundo um longo período de paz, os conflitos regionais, paradoxalmente, passaram a ter uma força muito grande porque eles começaram a se processar independentemente dos interesses das grandes potências. E Oriente Médio é uma área de grande tensão e que vai continuar a ser durante muito tempo. Primeiro, o problema de fronteira. Segundo, o problema de religião. Terceiro, porque ali está localizada a maior reserva do Mundo de combustíveis fósseis. Eu não acredito que esse conflito de agora no Golfo seja resolvido muito breve. Até mesmo porque a leitura que nós estamos fazendo aqui no nosso continente é um pouco superficial, como se fosse apenas um problema de ocupação territorial. Por trás disso há um problema muito mais sério, que é evitar a deflagração de uma nova crise mundial do petróleo, através da elevação de preços a níveis insustentáveis pela economia ocidental, o que significaria um desajuste dessa economia, no momento em que ela precisa estar forte para consolidar o processo da sua liberação. E em segundo lugar a necessidade de se manter as linhas de abastecimento de petróleo para o Ocidente, que vem através do Golfo Pérsico, que são essenciais à manutenção da máquina de produção no Ocidente. E essas duas coisas ficaram ameaçadas. Não é um problema de solução fácil.

O GLOBO — Se o Senhor for eleito senador pelo PMDB, aceitará fazer parte da Executiva do partido, que é presidida pelo Deputado Ulysses Guimarães?

SARNEY — Alguém já tem essa delegação para me convidar?